

Música x

THE NECKS

16 MAI
QUI 21:00
Grande Auditório
M/6

MOVIMENTOS PERPÉTUOS

Appleshine Continuum é uma corrida de meio fundo de quase 50 minutos de duração. Embora não seja impensável que os Underworld possam ter um tema com esta magnitude – vem à memória uma quase-exceção, no arranque do *Second Thought in the Infants* (1996), com dois temas de aproximadamente 15 minutos cada –, talvez fosse imperativo ter os Necks como coautores para prolongarem o prazer de uma música ao seu extremo e chegarem a estes números. Incluído no terceiro volume de *Drift*, a série de “experiências” que o duo britânico vem expondo digitalmente desde o ano passado, *Appleshine Continuum* entrega-nos um salutar enigma depois de nos fascinar por completo: onde começa e termina cada uma das autorias? Se é certo que tudo soa a Underworld nos primeiros minutos, quando damos por nós estamos bem dentro do mundo dos Necks, como se a transição nem sequer tivesse existido, como se o trio australiano e o duo britânico formassem um fortificado quinteto. O som, mas sobretudo a metodologia Necks, são demasiado poderosos para suspeitarmos que houve uma altura em que o comando do tema lhes foi entregue. O que ouvimos a partir da marca dos 35 minutos, por exemplo, é uma das muitas derivações brilhantes que já ouvimos dos Necks, onde piano, baixo e bateria unem-se num movimento circular, parecendo abrir portas para outros mundos. Karl Hyde e Rick Smith foram inteligentes e souberam entregar o seu *Appleshine Continuum* até deixar de ser deles. Ficou bem cuidado, alimentado e, juntando o melhor dos dois mundos, deixaram um tema que merecia, pelo menos, ser perpetuado num disco a salvo de uma explosão solar que, dizem, apagará tudo aquilo que foi escrito apenas com zeros e uns. Quem não está totalmente familiarizado com o universo Necks vai dizer-nos que, nesse cenário de destruição, os Underworld teriam simplesmente de tocar com os Necks para voltarmos a ouvir *Appleshine Continuum*. Talvez o apocalipse digital possa sensibilizar o trio para essa empreitada, contudo seria a primeira vez que o fariam: para Tony Buck, Chris Abrahams e Lloyd Swanton não há interpretação de repertório, revisitação do seu espólio ou recordação do seu passado. Tudo ficou feito no seu momento, sem hipótese de citação, como se fosse um desejo de eterno recomeço ou uma necessidade de andar forçosamente para a frente. Para o futuro da Humanidade, ficam os relatos do assombro, um punhado de discos – não tão poucos quanto isso – e uma agenda de concertos onde

podemos perceber o que são os Necks ao vivo nesse preciso e irrepetível momento.

Pois é esse punhado de discos que comemora trinta anos em 2019. Os Necks nasceram em Sydney, em 1987, e o álbum *Sex* inaugurou, dois anos depois, essa extensa discografia que vai documentando uma evolução musical. Neste primeiro disco ouve-se um tema apenas com 56 minutos de duração. Ouve-se como tudo começou e percebe-se como as ideias deste trio raramente mudaram. Na verdade, foram mudando pouco nos primeiros tempos – com convidados ou a intromissão de outros instrumentos e sons – mas em 1998, com o apropriadamente intitulado *Piano Bass Drums*, a estratégia solidificou-se e ganhou o acesso ao Olimpo, sem alterações até aos dias de hoje (pelo menos em disco, pois o trio já abriu a sua formação a mais músicos, para concertos especiais de longa duração, e tanto os Underworld como os Swans em breve também são desvios à norma “neckiana”). Tony Buck na bateria e percussão, Chris Abrahams no piano e órgão, Lloyd Swanton no contrabaixo formam The Necks, um rochedo onde três corsários do jazz recusam planear a sua música entregando-a às musas da espontaneidade.

Nada do que vamos conhecendo nos Necks tem caducado ao longo de tantos *takes*, tantas hipóteses, tantas aventuras. Como tudo na nossa vida, também a sua música tem vida própria, profusamente inquieta, obviamente imprevisível, e nunca foi estranho ouvir o desabrochar de novas ideias ou a extinção de outras, à medida que os anos passaram. Em *Hanging Gardens* (1999) dão um frenético passeio pelo jazz progressivo, perfumado por Canterbury e medido com a régua e esquadro do *krautrock* alemão; em *Aether* (2001) ressoam numa composição contemporânea belíssima atraída pelo estudo do silêncio e das frequências; em *Mosquito* (2004) parecem restituir à ordem do dia uma nova validade para o jazz ambiental; em *Mindset* (2011) o caos pode ser meramente aparente e dar origem à organização sustentável; já *Vertigo* (2015) caminha indolente pelos cenários das falsas imagens e bandas sonoras. Pelo meio foram outros os momentos gloriosos que ficaram registados, em estúdio – rezando para que tudo desse certo – ou em concertos magnéticos milagrosamente gravados para posterior edição. Por isso, é importante seguir os discos – é a maneira de avaliar a eloquência da química entre Buck, Abrahams e Swanton. Mas também é uma missão de vida não perder um concerto dos Necks porque ao partilhar esse momento de criação única estamos a fazer parte da própria história do trio. Conosco, ou sem nós, os Necks parecem determinados a prolongar a sua vida e, com a sua música, a prolongar a nossa.

A commemorative concert. One that involves various commemorations. The most immediate and newsworthy celebration is the thirtieth anniversary of the career of the Necks. A long life in the world of music, in which jazz has always been the mainstay of their creativity, an attitude that has guided the inspirational vein of Tony Buck, Chris Abrahams and Lloyd Swanton. While their attitude and capacity to listen comes from jazz, their remaining roots have spread far and wide: there is erudite rigour in their playing, a salute to rituals, a search for minimalism, sometimes the exhumation of the energy of krautrock, and always a constant desire to experiment and take risks in new directions.

Accustomed to modifying the genetics of their music, the Necks surprise us because they want to surprise themselves. We remember how this trio works: zero rehearsals, preparations or discussions, with no plan at all before they come onto the stage and begin playing. And they have been doing this brilliantly for 30 years. Each session is different, the fruit of all the magic that can influence the muses of the three Australians. Their discography shows this quite clearly: twenty masterful and faultless albums that portray some of these moments as if they were sound photographs of a life filled with exciting adventures.

This night will take the form of a double concert, presenting the audience with two pieces that complete their curriculum. We will applaud and thank them with great enthusiasm.

PIANO
Chris Abrahams
CONTRABAIXO
Lloyd Swanton
BATERIA, PERCUSSÃO
Tony Buck



Brevemente

JOÃO ONOFRE

Artes Visuais x

ONCE IN A LIFETIME
[REPEAT]

ATÉ 19 MAI
Galerias

Performance
17 MAI 22:30

MALA VOADORA

Teatro x

DINH€IRO

29-31 MAI 2019
QUA, QUI, SEX 21:00
01 JUN 2019
SÁB 19:00
Grande Auditório
M/12

Culturgest